

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Boi verde

• Visto do ar, a 200 ou 300 metros de altura, o Pantanal é uma colcha de retalhos, com pedaços de floresta intercalados com manchas da água que ficou presa em lagoas e corixas, como se chamam os braços represados dos rios na época da seca. A mata não tem a continuidade da Amazônia, o que faz com que os animais tenham de atravessar trechos de campo para ir de uma para outra.

Dizem que a terra é fraca, como se fosse possível fraqueza na terra, mas o que os pantaneiros querem dizer é que não presta para a agricultura intensiva. Quando muito uma horta ou uma roça de milho e feijão, nos arredores das casas, erguidas em terras firmes, que não são inundadas no tempo das chuvas.

O Pantanal é bom mesmo para os bichos. As fazendas de muitos milhares de hectares criam gado nelore solto nos campos. Quando as águas sobem, o gado encontra abrigo nas estradas que cortam as fazendas, pastando na água durante o dia. As estradas também servem de dormitório para muitos animais silvestres e, naturalmente, são um terreno de caça para os grandes felinos predadores.

As quatro pesquisadoras baseadas no centro de estudos da Fazenda Sete, que tem um quinto da antiga Estância Miranda — tão grande que, no tempo dos ingleses, no princípio do século XX, era cotada na Bolsa de Londres — ensinam enquanto aprendem. Ensinam os fazendeiros a fazer um manejo mais seguro do gado, evitando, por exemplo, deixar boladas em pastos vizinhos às matas. As vacas recém-paridas devem ser levadas para terras altas, perto das sedes das fazendas ou dos currais de retiro, para proteger os bezerros. Os maiores predadores de bezerros não são os felinos, mas os urubus, que atacam o umbigo dos recém-nascidos e até lhes furam os olhos. As pesquisadoras também estudam os hábitos das onças-pintadas e das pardas, pumas, que são muito menores.

As onças-pintadas, jaguares americanos, são os felinos menos estudados do mundo. Muito menos do que as panteras africanas ou os tigres-de-bengala. Não se tem sequer um censo dos animais, não sendo possível, portanto, se afirmar se estão ou não em risco de extinção. As indicações são em contrário: a população de onças tem aumentado e parece que as matas da antiga Estância Miranda são um centro de dispersão, quer dizer, um berçário de onde partem para outros lugares.

Há sobre as onças muitas idéias falsas. Sandra Cavalcanti, a chefe do programa, conta que o território de cada onça-pintada, embora possa se estender a até 60km, não é exclusivo, sobrepondo-se ao de outras onças-pintadas e, sobretudo, ao dos pumas. Não se sabe por que isso acontece, como tampouco se sabe

por que há onças que preferem atacar o gado, quando outras passam ao largo das boiadas sem atacá-las. As onças, aliás, são onívoras. Comem de quase tudo: peixes, capivaras, veados e, sobretudo, jacarés, que vivem em qualquer poça d'água. Gente é que onça não come. Não há registro de ataque mortal a seres humanos naquela região do Pantanal.

O principal predador das onças é o homem, mas hoje muito menos do que no passado, quando casacos e roupas de pele do animal estavam na moda em Nova York, Londres e Paris. Entre 1958 e 1960, só os Estados Unidos importaram mais de 31 mil peles de felinos. Os saquinhos de tinta que os militantes ambientalistas passaram a jogar nas grã-finhas na entrada de teatros e recepções fizeram com que os casacos de animais silvestres saíssem das lojas. Sobraram apenas as peles de bichos criados em cativeiro, como as de vison, de animais de fazendas no Canadá.

As onças não são os únicos animais nativos pouco estudados. Também as aranhas são quase desconhecidas. A oceanógrafa Miriam Marmontel, gaúcha formada na Universidade de Rio Grande, dedica suas pesquisas a esses animais, que, segundo ela, são muito caluniados. A má reputação das aranhas se deve ao acidente no Jardim Zoológico de Brasília, quando provocaram a morte do sargento Sílvio Holembach, que pulou no lago para salvar uma criança e hoje dá nome ao zôo. Miriam dedica-se a fazer um censo das aranhas de sua área de observação, o que é possível porque elas têm manchas brancas no peito, diferentes em cada uma, como diferentes são as impressões digitais dos seres humanos.

Finalmente, os bois, os mais numerosos habitantes do Pantanal. Há um movimento internacional para dar ao gado criado em condições ecológicas corretas um selo verde. Calcula-se que esse selo permitiria a venda da carne do Pantanal com um sobrepreço de cerca de 30%. Esse prêmio compensaria as perdas impostas aos rebanhos pelos felinos.

O ministro Pratini de Moraes fala sempre na vantagem competitiva brasileira no mercado de carnes, por ser um dos poucos países que produzem boi verde. Ele se refere ao fato de o gado aqui não comer rações com produtos animais, a origem da vaca louca. Boi, no Brasil, é verde porque só come capim. Agora surge nova característica: o boi ecológico.

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	O Globo (o país)
Fonte	
Data	4/8/2001 Pg 4
Class.	65